

SUPLEMENTO CULTURAL

Sob a responsabilidade da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

Coordenação: Geraldo Ramon Pereira - Contato: (67) 3382-1395, das 13h às 17h | www.acletrasms.org.br

Açores

RAQUEL NAVEIRA – poeta, cronista e ensaísta,
Cadeira nº 8 da ASL

Açores: arquipélago no meio do Oceano Atlântico. Ilhas dançam sobre o mar. Destroços de um continente formado por lavas vulcânicas, caldeiras que viraram rios e chuvas de pedras-pomes. Paisagens que impressionam: campos verdes, vilas de pescadores, areias com fosforescências ao sol, restos de antigas embarcações, touceiras de hortênsias azuis, vinhedos cultivados entre as rochas. Nessas praias naufragaram navios, aportaram as caravelas dos descobrimentos, saltaram marinheiros, corsários, escravos, fidalgos, condenados e todo tipo de aventureiros. Os portugueses começaram a povoar as ilhas por volta de 1432. Ali ingressaram também flamengos, bretões, norte-africanos. Construíram castelos, fortalezas, fortes, redutos, trincheiras, em meio a raios e furacões.

Entre açorianos ilustres, destacamos Gaspar Frutuoso (1522-1591), o sacerdote, o historiador, o humanista enciclopédico, literato, interessado em estudos de alquimia e mineralogia. Foi pároco na Ilha de São Miguel, dedicando-se à caridade dentro e fora da ilha. Escreveu “Saudades da Terra”, um precioso manuscrito, em seis volumes, com informações sobre usos e costumes, toponímia, fauna e flora dos arquipélagos de Açores, Madeira, Canárias e também de Cabo Verde. O cronista insulano de toda a chamada “Macaronésia”. Cópias parciais foram publicadas postumamente, e o conjunto completo encontra-se na Biblioteca de Ponta Delgada. Cordilheiras, montanhas, picos e ilhas, toda uma geografia revelada, vista de perto e de longe, Sentia-se vivo e intenso entre as ilhas, pois toda ilha



IMAGEM: GOOGLE

Açores

“Emigrantes dos Açores fundaram cidades brasileiras como Barra Velha, Porto Alegre, Florianópolis, Laguna”

é propícia à meditação, ao silêncio e à solidão.

Neste ano em que se celebra o quinto centenário de nascimento de Gaspar Frutuoso, assistimos a duas brilhantes comunicações sobre ele, em sessão da Academia das Ciências de Lisboa: “Memórias das ilhas, na solidão do Atlântico”, do professor António Valdemar, e “Estas ribeiras de pedra derretida”, do professor José Damião Rodrigues. Imagens de búzios multicores, mares, calhaus, estátuas, igrejas e azulejos portugueses, leitura de trechos do “Saudades da Terra”.

Emigrantes dos Açores fundaram cidades bra-

sileiras como Barra Velha, Porto Alegre, Florianópolis, Laguna. Entre esses açorianos, estavam a mãe, Matilde, e a avó, Jacinta Garcia Benevides, da poetisa e professora Cecília Meireles (1901-1964), nome icônico do modernismo brasileiro e uma das grandes escritoras da Língua Portuguesa. O pai de Cecília morreu três meses antes de seu nascimento, e sua mãe, quando ela tinha apenas três anos. Órfã, Cecília passou a morar com sua avó Jacinta, que lhe contava histórias do mágico folclore açoriano: amores proibidos, bruxas, bois de estimação, lobisomens, navios soltando vapor povoavam o imaginário da menina. A avó também conhecia cantigas como a da “Bela Aurora”, que chorava a falta da doce companhia de seu amor: “A Bela Aurora na serra, não sei como não tem medo: faz a cama, dorme só, debaixo do arvoredado.”

Talvez por isso Cecília tenha escrito tantos poemas-canções cheios de melancolia, de mares e abismos de amor, como este: “Pus o meu sonho num navio e o navio em cima do mar – depois, abri o mar com as mãos para o meu sonho naufragar”.

“Elegia”, poema em memória da amada avó Jacinta, é também doloroso: “No dia seguinte, estavas imóvel, era tua forma definitiva modelada pela noite, pelas estrelas, pelas minhas mãos. Exalava-se de ti o mesmo frio do orvalho, a mesma claridade da lua”.

A vida é um oceano cheio de ilhas de sofrimento. Gostaria de pegar um barco e alcançar os Açores: a Ilha das Flores, a do Corvo, a do Pico, as encruzilhadas todas das rotas transatlânticas. Sair de cada ilha para melhor conhecê-la. Sair de mim mesma para me observar como se eu fosse uma ilha isolada num grande e misterioso arquipélago.

O homem que ensinava cavalos a falar

RENATO TONIASSO – *Cadeira nº 23 da ASL*

No Século XIV, sob o talante de uma monarquia absolutista, um camponês fora condenado a morrer na forca e, juntamente com outros na mesma situação, marchava para a execução. O cadafalso fora montado em praça pública, e o rei, em atitude que se pretendia difundir como sendo de comiseção, mas que, na verdade, visava muito mais externar a sua autoridade e obter legitimação pelo exercício do poder, se fizera presente. Os condenados eram obrigados a passar em frente ao trono, e o rei, mesmo por motivo de foro íntimo, podia suspender a execução ou até conceder indulto, perdando o infeliz. Essa passagem, portanto, era a última chance do acusado; depois dela, era a morte.

A mulher do camponês obtivera licença para se despedir do marido momentos antes da execução, e estranhara a calma com que ele se encontrava. Desesperara-se, mas o mesmo lhe respondera: “Carma, minha véia, que a isperan-

ça é a última que morre”. Redarguia-lhe: “Pro que ocê fala assim? Ocê sabe alguma coisa que eu não sei? Intão pro que ocê não me conta? Se não sabe, eu acho que hoje quem vai morrer por último é ocê, pois eu já perdi a isperança!”. E foi-se embora chorando.

Começado o desfile para a execução, o camponês, que sabia do gosto exacerbado do rei por cavalos, ao passar em frente ao trono, surpreendeu os guardas e correu até o monarca, falando-lhe alto e em bom tom: “Majestade, eu sei insiná cavalo a falá. Se Vossa Majestade suspendê a minha pena por um ano, eu prometo que vô insiná o vosso cavalo preferido a falá certinho o nosso idioma”.

Todos riram da audácia e, ao que parecia, da ingenuidade do condenado, inclusive o rei. Ora, ensinar um cavalo a falar! É lógico que ele não vai conseguir, e aí a fúria do rei vai cair sobre as suas costas. Esse cara é um embusteiro, um bufão. O rei, porém, até por querer demonstrar magnanimidade, conteve os guardas, pensou por um momento e acolheu o pleito: suspendeu

por um ano a pena que fora imposta ao condenado, mas advertiu-o: “Olha, passado o prazo que eu lhe dei, se o meu cavalo não estiver falando com perfeição, você não terá mais clemência, será a forca na certa”. O camponês foi retirado da fila e levado para as cocheiras do palácio.

Nova visita da mulher do condenado, quando esta, ainda mais brava, questionou-o: “Tu tá loco? Ocê nem sabe falá direito e qué insiná o cavalo do rei a falá? Isso não vai dá certo, sua besta. Ocê vai i p’ra forca de quarqué jeito”.

Aresposta foi mais ou menos nos seguintes termos: “Carma, minha véia. Um ano é muito tempo. Nesse tempo ele pode esquecê de mim, pois é um homem munto ocupado, pode até morrer, pois Deus num tem hora pra buscá a gente; o cavalo dele tombém pode morrer, e aí eu começo o prazo cum otro cavalo, ou intão eu até posso insiná o cavalo dele a falá. Pode acuntecê tanta coisa, mas não aconteceu o pió, qui é eu te morrido. Ese tudo isso num dá certo, eu vivi mais um ano”.

A mulher refletiu um pouco e, depois, desabafou: “Meu véio, me adiscurpe, a besta aqui so ieu”.

Um incêndio*

ULISSES SERRA – *foi fundador da ASL*

*Do livro “Camalotes e Guavirais”, Ulisses Serra, 1971

Alinda e jovem senhora libanesa, altas horas da noite, andava de um canto para outro do seu pequeno apartamento, aflita, a ninar o filhinho insone, que ardia em febre. Súbito, um clarão em frente iluminou a noite. Foi à janela e viu famintas labaredas devorando famelicamente a Casa Moderna. Na esquina, em diagonal, na casa grande, de tijolos vermelhos, sem reboco, onde se instalava A Capital, o fogo também lavrava. Deu alarme e houve pânico. Todos temiam que o incêndio se propagasse às casas vizinhas, velhas, de fácil combustão, e arrasasse dois quarteirões inteiros, destruindo parte da cidade. Alguém, embuçado no manto negro da noite, ateara o fogo às duas casas.

Nesse exato momento um homem gordo, de bochechas grandes, flácidas e marcadas de gilvazes de vários, já entrado em anos, tomava um Ford e partia em busca da fronteira. Acreditava que arruinara as duas firmas, que se digladiavam numa longa e acirrada luta judiciária. De começo, ele fora apenas mediador, acabara envolvido no interesse e no ódio dos litigantes, perdendo aquela esquina grande, vermelha, sem reboco, peça principal do seu patrimônio. Agora, depois da vingança, ia tranquilo para outras terras, sentindo o coração já expungido de ódio e sentindo no rosto o afago das brisas da madrugada. Enganara-se. O amor, que tudo pode e subitamente surge, sob variadas formas do coração humano, imenso e maravilhoso, reuniu vizinhos e boêmios da noite vindos das mesas de jogo e dos lupanares e o fogo foi debelado.

E a jovem e bela senhora libanesa, providencialmente em vigília, continuou a cantar e a ninar o filhinho, que ardia em febre.

A arte hoje é um crime? (22/10/1983)

SÉRGIO FERNANDES MARTINS – *Cadeira nº 32 da ASL*

Ferreira Gullar conta que, em fins de 1961 – o país traumatizado como sempre pelas disparidades de classe, uns com acesso a tudo e o resto formando uma grande massa de miseráveis –, era ele então diretor da fundação cultural de Brasília e, um dia, mandou anunciar a realização do concerto de um pianista. Ao passar por uma daquelas superquadras, viu num dos cartazes afixados a inscrição: “Nós que é trabalho!”.

Hoje, diante da grave crise que estamos presenciando com o aprofundamento crescente das contradições econômico-sociais, a miséria e a fome batendo já à porta da classe média, para não falar do povão que não vive, vegeta há muito tempo, fazer arte tem um leve sabor de delito. Esta é a contradição agudíssima a que o artista deve estar atento. Fazer arte sem uma consciência crítica nos dias atuais equivale a passear de limousine e casaco de pele por entre os casebres e favelas da periferia, ou seja, é uma afronta. Ao artista cabe, mais do que nunca, refletir sobre seu papel.

Mas o que fazer? Abandonar os valores, a qualidade da arte, abdicar de desenvolver as formas artísticas, porque a grande maioria do povo não consegue usufruir desse bem cultural? Ou, por outro lado, já

que as coisas não são como gostaríamos que fossem, nós artistas não temos nada a ver com o povo ignorante e impossibilitado de consumir nosso trabalho. Então, vamos produzir para elite? Nem uma nem outra coisa. Ampliar o raio de comunicação das formas de arte não implica necessariamente no abandono da qualidade, da busca do novo (não é mesmo Alex Fraga, Guimarães Rocha). Além do mais, talvez até fosse justo esse abandono, esta renúncia aos valores artísticos mais puros, se isto significasse a resolução do outro problema, o problema fundamental, que no caso é o econômico-social, mas sabemos que isso não vai acontecer. Não depende exclusivamente de nós, embora tenhamos ou devamos ter um compromisso nesse sentido, que é o de denunciar sempre.

A tarefa fundamental, hoje, dos artistas sul-mato-grossenses, assim como de todo e qualquer artista brasileiro, está em voltar-se para sua realidade social e buscar uma forma (ou seja, “como”), um conteúdo (“o quê”) e um tipo de linguagem (o meio) que seja ao mesmo tempo de qualidade, portanto inovadora, capaz de expressar a experiência dolorosa pela qual passa a nossa sociedade para os insensíveis.

Para realizar esta tarefa fundamental, é preciso ter consciência e senso crítico. Algum artista guaicuru tem? Bom, aí já são outros quinhentos. Fica pra próxima.

+POESIAS

insensorial

temos

visão
audição
tato
paladar
olfato

difícil
é entender
os sinais

visão
audição
tato
paladar
olfato

entenda
os sinais

HENRIQUE ALBERTO DE MEDEIROS FILHO

Das angústias e das súplicas

não te escondas!
tua presença me é bálsamo
conforto, essência
consolação
suplico teus sinais
tal qual o discípulo

não te ausentes!
sou fraco, humano
as incertezas me povoam a alma
peregrino, não acolho
a vida
nem me compadeço
das borboletas
incautas

não te afastes!
sou ridículo
indigno
a imperfeição me consome
a escuridão é minha luz
a cicatriz da dor
rouba meu rosto.
acolhe-me!

ANA MARIA BERNARDELLI

As flores dos ipês

Nos canteiros da urbe, ipês floridos
com flores brancas, rosas e amarelas
despertam os olhares distraídos.
Poemas e canções em aquarelas.

Os pássaros, em grandes alaridos,
abrigam-se no fio das arandelas,
e as flores com vestidos coloridos
matizam as sombrias passarelas.

Tão breve, mas intensa é a floração:
derrama-se em beleza e sedução
e acaba. Os seus dias se cumpriram.

Tal qual a brevidade dessas flores,
há paixões, amizades e há amores
que valem pelo tempo que existiram.

ILEIDES MULLER

Haicais

Poupar desejos
E desejos
É não ser matinal

Não lamentos
Pétalas desfolhadas
Outras há... outras virão!

Sobre vitórias-régias
O sol se derrama
Compondo girassóis!

FLORA THOMÉ